

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio

**OS HOMENS NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA: uma análise**
à luz do conceito de violência simbólica de Pierre BourdieuEmerson André Simon¹
Marilândes Mól Ribeiro de Melo²

Resumo: Este trabalho aborda o preconceito vivenciado por homens que cursam Licenciatura em Pedagogia, à luz do conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu. Parte-se da constatação de que a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental são historicamente feminizados, em razão da divisão sexual do trabalho e da associação do cuidado às mulheres. Ao optarem por essa formação, homens rompem padrões de gênero estabelecidos e passam a enfrentar suspeitas e deslegitimações. Assim, o objetivo é analisar o preconceito vivenciado por homens que cursam a Licenciatura em Pedagogia, operando com o conceito bourdieusiano de violência simbólica. Identifica-se que essas violências não se expressam por impedimentos legais, mas por mecanismos sutis de exclusão simbólica. A metodologia consiste em revisão bibliográfica, fundamentada em obras de Pierre Bourdieu e em dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2023, além de estudos sobre feminização do magistério. Como resultados, problematizamos as desigualdades de gênero nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, demonstrando que o preconceito produz um lugar simbólico marginal para homens na Pedagogia. O trabalho organiza-se em quatro partes: definição de violência simbólica; discussão sobre feminização da docência; análise das vivências masculinas no curso e as considerações finais.

Palavras-chave: Violência simbólica. Pedagogia. Homens. Pierre Bourdieu.

MEN IN THE DEGREE COURSE IN PEDAGOGY: an analysis in light of the
concept of symbolic violence by Pierre Bourdieu

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (PPGE-IFC), Campus Camboriú. Pesquisa sobre formação de professores e masculinidades. E-mail para contato <emersonsimon12@gmail.com>.

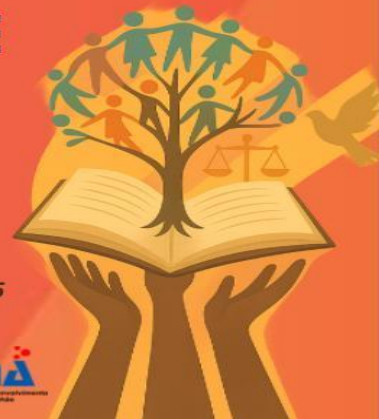
² Professora no Curso de Licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) do Instituto Federal Catarinense - IFC. Email para contato <marilandes.melo@ifc.edu.br>.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

**8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

Abstract: This work analyzes the prejudice experienced by men who attend a Degree in Pedagogy, in light of the concept of symbolic violence by Pierre Bourdieu. It starts from the observation that Early Childhood Education and the early years of Elementary Education are historically feminized, due to the sexual division of labor and the association of care with women. By choosing this training, men break established gender patterns and begin to face suspicion and delegitimization. Thus, the objective is to analyze the prejudice experienced by men who attend the Degree in Pedagogy by operating with the Bourdieusian concept of symbolic violence. It is identified that these forms of violence are not expressed through legal impediments, but through subtle mechanisms of symbolic exclusion. The methodology consists of a bibliographical review, based on the works of Pierre Bourdieu and on data from the 2023 School Census of Basic Education, in addition to studies on the feminization of teaching. As expected results, the study aims to problematize gender inequalities in Degree courses in Pedagogy, demonstrating that prejudice produces a marginal symbolic place for men in Pedagogy. The work is organized into four parts: definition of symbolic violence; discussion on the feminization of teaching; analysis of male experiences in the course; and final considerations.

Keywords: Symbolic violence. Pedagogy. Men. Pierre Bourdieu.

LOS HOMBRES EN EL CURSO DE LICENCIATURA EN PEDAGOGÍA: un
análisis a la luz del concepto de violencia simbólica de Pierre Bourdieu

Resumen: Este trabajo analiza el prejuicio vivido por hombres que cursan la Licenciatura en Pedagogía, a la luz del concepto de violencia simbólica de Pierre Bourdieu. Se parte de la constatación de que la Educación Infantil y los primeros años de la Enseñanza Fundamental están históricamente feminizados, debido a la división sexual del trabajo y a la asociación del cuidado con las mujeres. Al optar por esta formación, los hombres rompen patrones de género establecidos y pasan a enfrentar sospechas y deslegitimaciones. Así, el objetivo es analizar el prejuicio vivido por hombres que cursan la Licenciatura en Pedagogía operando con el concepto bourdieusiano de violencia simbólica. Se identifica que estas violencias no se expresan mediante impedimentos legales, sino a través de mecanismos sutiles de exclusión simbólica. La metodología consiste en una revisión bibliográfica, fundamentada en las obras de Pierre Bourdieu y en datos del Censo Escolar de la Educación Básica de 2023, además de estudios sobre la feminización del magisterio. Como resultados esperados, el estudio pretende problematizar las desigualdades de género en los cursos de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Licenciatura em Pedagogia, demonstrando que el prejuicio produce un lugar simbólico marginal para los hombres en la Pedagogía. El trabajo se organiza en cuatro partes: definición de violencia simbólica; discusión sobre la feminización de la docencia; análisis de las vivencias masculinas en el curso; y consideraciones finales.

Palabras clave: Violencia simbólica. Pedagogía. Hombres. Pierre Bourdieu.

INTRODUÇÃO

Este ensaio articula-se com a pesquisa de dissertação em andamento de um dos autores, que está sendo desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal Catarinense (PPGE-IFC - Campus Camboriú) e cujo principal sustentáculo é o pensamento de Pierre Bourdieu (1930-2002). Esse sociólogo francês consolidou-se como um dos maiores sociólogos da educação e da reprodução social (Valle, 2007). No entanto, sua teoria extrapolou as fronteiras da França e conquistou diversos países, além de ter influenciado outras áreas do conhecimento tais como a Psicologia, a Antropologia (Nogueira; Nogueira, 2002) e em estudos de objetos como gênero, masculinidades e formação de professores. Assim, é possível que alguns de seus conceitos sejam utilizados, sem prejuízo intelectual, nestas discussões. Isto posto, o objetivo desta comunicação é “analisar o preconceito vivenciado por homens que cursam a Licenciatura em Pedagogia operando com o conceito bourdieusiano de *violência simbólica*”.

Dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2023 (Brasil, 2024) destacam que as áreas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapas da Educação Básica que exigem a habilitação do Licenciado em Pedagogia para a regência de turmas, são majoritariamente ocupadas por pessoas do sexo feminino³. Na primeira etapa atuavam cerca de 685 mil docentes. Desses, 96,2% eram do sexo feminino e apenas 3,8% do sexo masculino. Pesquisas apontam que essa situação resulta de um

³ O referido documento utiliza critérios de sexo e não gênero nessa quantificação.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDDE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



processo de feminização do magistério, no qual os homens foram “empurrados” para fora desse campo, que se tornou atrativo para as mulheres (Ferreira, 2008; Louro, 2003; Monteiro, 2014; Yannoulas, 2011). As condições inadequadas de trabalho, como salários defasados, alta carga de trabalho e a violência contra docentes tem feito com que muitos indivíduos não se sintam atraídos para essa área (Gatti, 2014). No entanto, inúmeros homens e mulheres ainda ingressam todos os semestres nos cursos de Licenciatura. Contudo, os homens ao se matricularem no curso de Licenciatura em Pedagogia, enfrentam durante todo o seu processo formativo uma série de preconceitos e discriminações, por parte de familiares, colegas de turma e até mesmo de docentes da graduação (Abreu, 2018; Silva Júnior; Cardoso; Carvalho, 2023). Esses preconceitos se traduzem em comentários, críticas e questionamentos, que vão desde a sua capacidade acadêmica, até sua profissionalidade. Visto que eles não estão colocados em impedimentos legais e físicos, a matrícula e atuação desses indivíduos não é vetada. A escolha desta temática justifica-se pela relação com a dissertação de mestrado em andamento, como citado anteriormente, mas também por experiências profissionais do autor, que atuou na Educação Infantil por um determinado período.

A metodologia escolhida para a proposta desta comunicação se deu por meio de revisão bibliográfica. Enquanto a pesquisa em andamento utiliza aplicação de questionários, este texto se propõe a ser estritamente teórico, pois a teoria pode desvelar como a situação se encontra materializada, nos cursos de graduação. Baseamos-nos, além dos textos de Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2023), em dados quantitativos do Censo Escolar da Educação Básica de 2023 (Brasil, 2024), nos relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) e em textos sobre divisão sexual do trabalho e condições de homens no curso de Licenciatura em Pedagogia (Hirata, 1995; Louro, 2003).

Pesquisas que abordem a equidade de gênero no interior das instituições escolares se tornam cada vez mais necessárias. É incompatível que em um espaço que se propõe plural e diverso como a universidade, seja algoz de violência contra os

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



indivíduos. A pesquisa pode tirar o véu das situações de violência simbólica vivenciadas por homens em instituições educacionais de todos os níveis, em contextos específicos e relacionados ao seu gênero. Abordar esse tema é essencial para problematizar as questões de gênero, socialmente construídas e internalizadas, além de tentar desconstruir estigmas sobre o trabalho de homens em áreas ainda equivocadamente consideradas como exclusivamente femininas. É fundamental reverter as concepções impostas aos homens pedagogos, que são questionados quanto à sua competência e qualidade profissional.

O texto está organizado em quatro partes: inicialmente, definimos violência simbólica na concepção de Pierre Bourdieu, para em seguida debater acerca da divisão sexual do trabalho e a feminização do magistério. Esses tópicos orientam o debate da terceira parte que relaciona a violência simbólica e a formação de homens no curso de Licenciatura em Pedagogia, para encerrar com as considerações finais.

1.1 Definindo violência simbólica na concepção de Pierre Bourdieu

A obra de Pierre Bourdieu (2023), intitulada “A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica”, mesmo não centrando-se nas discussões sobre gênero, apresenta-se como uma produção acadêmica controversa e atual que revela uma estrutura de dominação que se estabelece, se torna naturalizada e se eterniza. Se por um lado as mulheres são as principais vítimas dessa dominação, por outro, os homens também, de certa forma, estão presos a ela, visto que os atributos considerados masculinos, são produto de um “trabalho social de dominação e inculcação” (Bourdieu, 2023, p. 88), tornando-se um “habitus”, incorporado por eles.

O “privilegio” masculino que os homens detêm sobre as mulheres é também uma cilada, pois impõe que eles devam afirmar-se enquanto tais em toda e qualquer circunstância. Quando alguns homens resolvem afastar-se desses privilégios, como ao optarem por carreiras profissionais em campos considerados femininos, eles igualmente

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



sofrem as consequências da dominação, que pode ser reforçada pelas próprias mulheres, pois como indica Bourdieu (2023) a dominação masculina faz com que elas por vezes, inconscientemente, acatem e aceitem essa situação, sem percebê-la ou identificá-la. Ela é resultante de uma

violência simbólica, suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólica da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2023, p. 12).

Essas consequências seriam enfatizadas por meio de uma violência simbólica sofrida por esses acadêmicos. As conceituações do que seria uma violência podem ser diversas e normalmente associam-se com o uso da força física contra uma pessoa ou grupo social. Semelhante conceituação é trazida pelo Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde (OMS, 2002, p. 5), que conceitualiza violência como o

uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações.

Ao referir-se a “dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações” (OMS, 2002, p. 5), é possível entender que a violência nem sempre deixará marcas físicas; pode deixar também profundas cicatrizes psicológicas ou restritivas/impeditivas. Quando nos referimos a homens que não estão acessando os cursos de Licenciatura em Pedagogia ou que tem enfrentado dificuldade em seu interior, nos aludimos a homens que foram “privados” desse espaço. Certamente não se trata exclusivamente de uma privação física; ou seja, mesmo no interior desse curso podem ser encontrados indícios da existência de uma violência simbólica, que pode não se manifestar de forma materializada nesses indivíduos, mas através de uma autodisciplina (Foucault, 1987).

Não há como abordar a violência simbólica sem discutir sobre “poder simbólico”, que é entendido como o

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (Bourdieu, 1989, p. 14).

Assim a violência simbólica se dá em razão do poder simbólico. Além disso, as estruturas de dominação são historicamente construídas; elas são fruto de um incessante processo de reprodução, no qual agentes como as famílias, Igreja, Escola e Estado, além, dos homens, que muitas vezes delas participam por meio da violência física. Também o dominado assume o ponto de vista do dominante pois

a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimentos que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural (Bourdieu, 2023, p. 47).

Ao adjetivá-la como “simbólica”, o sociólogo Bourdieu não tem por finalidade minimizar as violências físicas, principalmente aquelas sofridas pelas mulheres, como agressões, ou até mesmo tentar desresponsabilizar os homens pelas violências causadas. Ao mesmo tempo, tal violência não deve ser entendida como o oposto do real, do material, como se a violência simbólica não se materializasse na “carne” em práticas visíveis ou materiais (Bourdieu, 2023). A violência simbólica se dá no momento em que o dominado coloca “em ação [os esquemas] para se ver e avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...]”; esquemas estes que “resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto (Bourdieu, 2023, p. 65).

Dessa maneira a violência simbólica deve ser entendida como uma violência que é por vezes invisível, e que opera por adesão, por meio da internalização das estruturas sociais e naturaliza hierarquias. De acordo com Bourdieu (2020) a violência simbólica,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

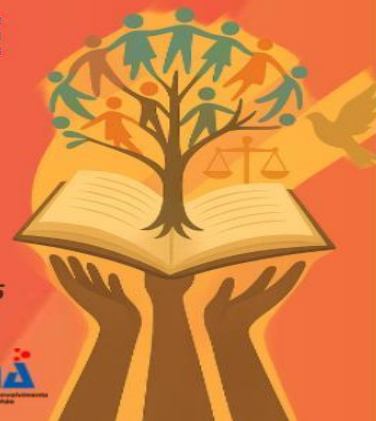
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



é uma ação coercitiva, impositiva em qualquer espaço social, e que se funda no reconhecimento dessa ação. Ela é uma ação contínua que cria crenças incorporadas pelo indivíduo ou grupo e que, a partir dessa incorporação, o leva a tomar posições nos diversos espaços sociais, aderindo aos padrões e costumes discursivos. A violência simbólica é a materialização da incorporação desse conhecimento e de reconhecimento do discurso dominante como legítimo. Nesse aspecto, a violência simbólica emerge como o meio pelo qual o poder simbólico é exercido. Assim,

Os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre nós (sociedade e indivíduos) numa complexa relação de interdependência. Ou seja, a posição social ou o poder que detemos na sociedade não dependem apenas do volume de dinheiro que acumulamos ou de uma situação de prestígio que desfrutamos por possuir escolaridade ou qualquer outra particularidade de destaque, mas está na articulação de sentidos que esses aspectos podem assumir em cada momento histórico (Jubé; Cavalcante; Castro, 2016, p. 3).

Bourdieu (2023) também discute a questão da violência simbólica em seu livro “A Dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica”, no qual examina os mecanismos de violência simbólica presentes na origem da hegemonia masculina, através de análise do ritual e da mitologia kabila. Assim, o conceito bourdieusiano de “violência simbólica” se articula aos estudos de gênero na medida em que, quando os homens rompem esses *scripts*, passam a sofrer olhares de suspeita e tentativas de segregação, conforme afirmam Monteiro e Altmann (2014). Estudos como o de Freitas Júnior e Zapolla (2024) têm relacionado a questão de gênero com o conceito de violência simbólica e também mostram as múltiplas possibilidades de pesquisa.

Dada a definição de violência simbólica na perspectiva bourdieusiana que acionamos nesse texto, enfrentamos daqui para diante a discussão sobre gênero, docência e feminização do magistério.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

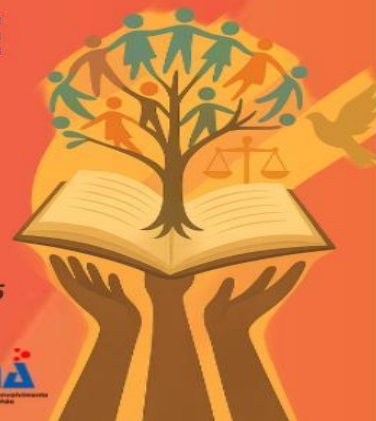
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



1.2 Divisão sexual do trabalho e a feminização do magistério

Historicamente as profissões apresentam-se sob a égide da “divisão sexual do trabalho” (Hirata, 1995; Bourdieu, 2023), em que algumas áreas são consideradas femininas (associadas ao trabalho leve, fácil, minucioso e paciente); assim sendo, são ocupadas principalmente por mulheres; outras, que são consideradas masculinas (relacionadas à virilidade, ao trabalho pesado, sujo, insalubre e por vezes perigoso), são ocupadas majoritariamente por homens (Hirata, 1995). Bourdieu (2023, p. 82), sobre a mesma temática, elucida como os trabalhos relacionados aos homens são voltados à vida pública, aos negócios, aos desafios e às tarefas de risco. Atividades essas que não são características do campo da educação das crianças:

está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação, e em particular de todas as trocas de honra, das trocas das palavras (nos encontros quotidianos e sobretudo nas assembleias), trocas de dons, trocas de mulheres, de desafios e de mortes (cujo limite é a guerra).

Atualmente a Pedagogia se encontra predominantemente formada por mulheres, porém, nem sempre foi assim. Quando (re)visitamos a história, percebemos que as instituições de ensino abrigavam um público masculino, em geral os meninos e jovens brancos das elites, além de serem gerenciadas também por homens, como os religiosos (Ferreira, 2008). Somente no século XIX as mulheres começaram a adentrar a esses espaços. Os argumentos favoráveis à inserção das mulheres giravam em torno de um discurso que pregava a ordem e o progresso, a modernização da sociedade e a higienização das famílias, além dos discursos “que relacionavam essa função com a extensão da maternidade, sendo os/as estudantes vistos como filhos/as espirituais” (Monteiro, 2014, p. 29). Louro (2003, p. 95) mostra que durante o século XIX o

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



magistério se tornará, neste contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar.

Aos poucos a docência vai ganhando novos contornos e demandando atributos femininos, como amor e cuidado. Nesse processo os homens foram atraídos para outras áreas, como a indústria, em busca de novos salários e melhores condições de trabalho. Assim a escola passou a ser vista de outra forma, sendo necessária ao desenvolvimento do país (Ferreira, 2008).

Dessa maneira, ao mesmo tempo que o trabalho com crianças pequenas passou a se feminizar (Yannoulas, 2011) e as mulheres tornaram-se as principais (e as mais adequadas) responsáveis por essas tarefas, a docência foi se desvalorizando (Bourdieu, 2023). Quando homens, então, resolvem burlar esse *script* de gênero⁴ e escolher o curso de Licenciatura em Pedagogia como formação profissional, de certa forma estão rompendo com o padrão hegemônico de masculinidades (Felipe, 2019). Nesse contexto é que a violência simbólica se torna mais evidente e a pesquisa se consolida.

1.3 Violência simbólica e a formação de homens no curso de Licenciatura em Pedagogia

Inúmeras pesquisas tratam da condição dos homens que atuam na Educação Infantil e Anos Iniciais ou até mesmo do seu processo formativo no curso de Licenciatura em Pedagogia (Freitas; Bretas, 2016; Monteiro; Altmann, 2014; Rosa,

⁴ A autora define *scripts* de gênero como “roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos. Quando os *scripts* são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores, neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento, trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo (re)escrever seus próprios *scripts*” (Felipe, 2019, p. 241).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



2012; Silva; Cruz; Silva, 2021). Elas apontam uma série de dificuldades e até mesmo de preconceitos enfrentados por esses indivíduos, mas sem caracterizá-las especificamente como violência simbólica.

A manifestação da violência simbólica contra os homens que escolhem cursar Licenciatura em Pedagogia implica num menor número de homens que ingressam no curso, o que reflete também em sala de aula, num maior número de mulheres na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Da mesma forma, relega aos homens determinados campos de atuação que vão ao encontro do que se considera como padrão hegemônico de masculinidade, ou o que estão dentro dos *scripts* de gênero masculinos, como as profissões ligadas aos trabalhos braçais e a tecnologia.

Muitos indivíduos que pretendem seguir carreira como pedagogos são oriundos de classes mais baixas, mais velhos e com pais trabalhadores de profissões subalternas (Abreu, 2018; Gatti, 2010; Pereira, 2013). Dadas essas características, é de se pensar que provavelmente esses homens já vivenciaram ou tiveram contato com inúmeras violências ao longo de sua vida. Destacamos a seguir alguns exemplos de violência simbólica que podem ocorrer durante o processo formativo.

Como discutido anteriormente, observamos que para o cuidado com as crianças pequenas a sociedade e a escola exigem atributos relacionados a sensibilidade e a delicadeza; nesse sentido, os homens, para obter sucesso profissional, necessitam apresentar essas características, muitas vezes modificando e ressignificando seus jeitos para assumirem esse perfil. Quando, por algum motivo, esses homens professores não apresentam sucesso nas suas atividades acadêmicas ou profissionais, a justificativa é atribuída ao seu gênero e não ao despreparo ou a má formação.

Outra violência simbólica perceptível é aquela praticada pelos próprios docentes das universidades ao também contribuírem para a generificação. Um dos entrevistados de Silva Júnior, Cardoso e Carvalho (2023, p. 10) comentou: “você consegue perceber drasticamente a diferença entre uma aula dada por uma mulher, a questão do carinho, do cuidado, essa questão dela saber e moldar com o assunto muito mais marcante do que

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



com os homens”. Tal situação já foi apresentada por Bourdieu (2023, p. 155) ao demonstrar que “os professores das disciplinas científicas solicitam e estimulam menos as meninas que os meninos, e como os pais, tais como os professores ou orientadores, as desviam ‘para seu bem’, de determinadas carreiras consideradas masculinas”. Assim, a violência simbólica acontece no ambiente educacional, quando o estudante é excluído por não apresentar de modo visível os atributos considerados padrão e que são imperativos institucionais. Isso pode deixar o estudante estigmatizado, colocá-lo “marginal”, desestimulado e finalmente excluído (Jubé; Cavalcante; Castro, 2016).

Outro forma de violência simbólica é a que ronda e questiona a sexualidade desses acadêmicos. Seria impensável que homens heterossexuais, orientados por um padrão de masculinidade hegemônica, tenham características necessárias para a prática na Pedagogia (Silva Júnior; Cardoso; Carvalho, 2023). Quanto aos homens homossexuais, a não aceitação destes como adequados para o ensino das crianças, é devido à sua orientação sexual, que poderia influenciar/alterar a orientação sexual das crianças e adolescentes. Nota-se uma incongruência: ao mesmo tempo em que se atribui aos homens heterossexuais a ausência de características tidas como apropriadas ao educar e cuidar de crianças, como sensibilidade e afeto, também se nega aos homens homossexuais, mesmo quando demonstram tais qualidades, o reconhecimento como profissionais aptos a atuar com a infância, em razão de sua orientação sexual ou expressão de gênero.

A questão da orientação sexual e da sexualidade também são fatores que ocasionam violência diretamente contra os homens que pretendem atuar na Educação Infantil. As oportunidades para homens atuarem, e até mesmo realizarem estágios obrigatórios ou não, nessa etapa da Educação Básica são limitadas. Tais impedimentos se dão em decorrência do medo em relação a situações de violência ou abuso sexual. Isso tem levado muitos profissionais a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos. Refiro-me aos homens que trabalham com educação infantil (0 a 6 anos) que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos (Felipe, 2006, p. 214).

Nesta seção relacionamos algumas das dificuldades e preconceitos voltados à formação profissional de homens no curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a ótica do conceito de violência simbólica, do sociólogo Pierre Bourdieu. Os exemplos percorridos anteriormente são uma pequena parcela das inúmeras violências vivenciadas por esses indivíduos que optam por uma carreira que foi feminizada (Yannoulas, 2011).

Ao discutir sobre tais violências, não se trata de diminuir o número de mulheres nas etapas da educação básica - o que poderia acarretar num outro tipo de violência simbólica -, mas sim de aumentar o número de homens nos cursos de graduação, para, então, aumentarmos o número de homens nas escolas. Dessa maneira, podemos avançar a passos mais apressados rumo a uma equiparação de gênero no interior do campo da educação e à diminuição das violências de gênero, que por vezes sutis, se manifestam nesses espaços.

CONCLUSÃO

Esta comunicação objetivou analisar o preconceito vivenciado por homens que cursam a Licenciatura em Pedagogia, operando com o conceito bourdieusiano de violência simbólica. Embora Pierre Bourdieu não tenha dedicado grande parte dos seus esforços teóricos na discussão acerca do tema gênero, é possível levantar algumas de suas contribuições para essa área de estudo.

A violência simbólica se manifesta quando os homens não ingressam e/ou não são incentivados a ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia, por essa área ter se construído historicamente, especialmente após a segunda metade do século XX, como feminina. Ingressar nesse curso seria para os homens um “risco”, pois esses indivíduos

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



estariam à mercê de diversos comentários discriminatórios e que descredibilizam sua capacidade profissional.

O preconceito contra os homens na Pedagogia não opera prioritariamente pela exclusão formal, mas pela produção de um lugar simbólico deslocado, que exige constante legitimação de sua presença; ou seja, essas violências não ocasionam impedimentos físicos, barreiras, visto que não há nenhuma proibição legal, mas contribuem para a marginalização e exclusão dos homens que ousam romper com a divisão sexual do trabalho (Hirata, 1995), e com os *scripts* de gênero (Felipe, 2019). Assim, trabalhos acadêmicos que discutem essa temática são essenciais para suspender a violência simbólica de gênero e ampliar o ingresso de homens no curso de Licenciatura em Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. O curso de pedagogia em instituições de ensino superior de Teresina – Piauí, Brasil: incluindo ou excluindo os homens?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 1518-1534, 1 set. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de Educação**. São Paulo: Vozes, 2020. p. 43-62

BOURDIEU, Pierre. **Meditations pascaliennes**. Tradução Sergio Miceli. Paris: Seuil, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2023**: resumo técnico. Brasília, DF, 2024

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana. Velhinho. (orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças**: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987

FREITAS JÚNIOR, Antonio. Rodrigues de; ZAPOLLA, Letícia Ferrão. Violência simbólica e gênero: o caso das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Labuta**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2024.

FREITAS, Maria Jose Dias de; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Estigma e preconceito na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. **Gênero**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 105-122, jun./dez. 2016.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Est. Aval. Educ**, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan-abr. 2014.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta de; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim dos. Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos. **Perspectiva**, Florianópolis, v.34, n. 3, p. 988-1014, set./dez. 2016.

HIRATA, Helena. Divisão - relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. Tradução Maria Helena C. V. Trylinski. **Em Aberto**, Brasília, n. 65, p. 38-49, jan./mar. 1995.

JUBÉ, Milene de Oliveira Machado Ramos; CAVALCANTE, Claudia Valente; CASTRO, Claudia Maria Jesus. Violência simbólica para Pierre Bourdieu: a relação com a escola contemporânea. In: COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR, 1., 2013, Mineiros-GO. **Anais...** Mineiros-GO: [s.n.], 2013. p. 1-12.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 44, n. 153, p. 720-741, set. 2014.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência**: professores homens na educação infantil. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Unicamp, Campinas, 2014.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, v. 23, p. 15-35, 2002.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra, 2002.

PEREIRA, Flávia Goulart. **Homens no curso de Pedagogia**: “as razões do improvável”. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

ROSA, Fábio José da. **O dispositivo da sexualidade enquanto anunciador do professor - homem no magistério das séries iniciais e na educação infantil**. 2012. 159 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2012.

SILVA JÚNIOR, José Raimundo da; CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário de Faria. Universidade e relações de gênero: narrativas sobre feminilidades e masculinidades na educação superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], v. 18, n. 00, p. 1-21, 18 dez. 2023.

SILVA, Otavio Henrique Ferreira da; CRUZ, Cláudia Silva Ribeiro; SILVA, Clécia Lino da. A sociedade de dominação masculina e os professores homens na educação infantil. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 32, p. 1-19, 2021.

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n.1, p. 117-134, 2007.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília/DF, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.